

Caro Diogneto - 28

Affresco, 1531-1532 d.C.

JESUS, Abril 2011
de ENZO BIANCHI

Estamos perante uma Igreja cansada, ou melhor, usando uma expressão do magistério Papal, uma “*ecclesia afflicta*”

JESUS, Abril 2011

UMA IGREJA CANSADA, “AFFLICTA”

Não se pode negar: muitos elementos da Igreja dizem-se cansados, não esperam mais. Muitos presbíteros e religiosos lamentam-se, muitos fiéis, cada vez mais, distanciam-se das formas visíveis de pertença à Igreja. Sabemo-lo também pelos Bispos: na Alemanha, na Áustria, na França e na Bélgica não são poucos aqueles que, de forma audível, deixam a Igreja, que pretendem apagar o seu nome da lista de paroquianos ou do registo de baptismos. Em Itália, com menos clamor, sem as contestações conhecidas nos anos setenta (século XX), regista-se o fenómeno daqueles que continuam a viver a sua fé “*etsi ecclesia non daretur*”, “como se a Igreja não existisse”.

Sim, estamos perante uma Igreja cansada, ou melhor, usando uma expressão do magistério Papal, uma “*ecclesia afflicta*”. Muitas vezes, nestes tempos, leio e releio São Basílio, o grande Padre da Igreja que no “*De iudicio Dei*” procurava compreender a situação eclesial do seu tempo: os seus juízos, os seus sofrimentos são muito semelhantes àqueles que eu sinto, na oração, no confronto com os homens e as mulheres que encontro. Não é um tempo fácil para a Igreja, porque ela se encontra ferida, dividida: nela muitos “se mordem”, como escreveu Bento XVI, transformando cada diversidade, mesmo que legítima em conflito feroz, em condenação, em censura ou mesmo em intervenções obsessivas que fazem a caricatura do outro - que permanece sempre como um irmão/ irmã pelo qual Cristo morreu, um membro da Igreja católica - até ao desprezo e à deslegitimação... na época cultural em que o sentido de pertença é muito ténue, ocorre estar atento e talvez mesmo reagir a este sinal que pode abrir um “cisma mudo”, que não enfraquece apenas a Igreja, mas redu-la a um “movimento”, como analisou com inteligência, recentemente, o secretário da CEI, mons. Crociata.

Mas de onde vem este cansaço? Existem causas visíveis? A *diminutio* da comunidade cristã em termos de membros e em particular de vocações à vida presbiterial e religiosa - pelo menos no Ocidente em que se situa a Itália, porque é sobre esta realidade que fazemos a análise - mesmo se não ameaça as convicções, torna mais difícil a vida eclesial e sobretudo cansa os presbíteros - cada vez mais sobrecarregados de serviços e trabalhos, com uma idade média cada vez mais alta - e expõe a vida religiosa à tentação de não esperar mais de si mesma. Não esqueço o clima cultural em que vivemos, ou melhor, para o qual somos empurrados, cada vez mais marcado por valores que são o oposto dos valores cristãos: o esvanecimento dos princípios éticos, o desaparecimento do horizonte comunitário, o individualismo crescente, o niilismo, a egolatria, a ditadura das emoções e dos sentimentos, a incapacidade de perseverança, a perda do sentido de fidelidade. Conhecemos todos muito bem e de memória este elenco que diz muito da realidade em que vivemos, do ar que actualmente se respira.

Creio, no entanto, e convém reconhecer que há aspectos da vida interna da Igreja que contribuem para nos cansarmos. Quando penso no esforço feito pela minha geração, em obediência à Igreja, por um renovamento através do Concílio e vejo que hoje, muitos na Igreja, trabalham contra o Vaticano II, criticando-o e distanciando-se dele, contra o Ecumenismo e contra a Reforma Litúrgica, verifico que, para muitos, é evidente um sentimento de confusão. Alguns dizem, com muito respeito: “Não percebo nada!”, outros acabam por sofrer até à frustração...

Tanto cansaço para mudar, decorridos já quase cinquenta anos - um esforço feito com muito entusiasmo mas também com custos de sofrimento e submetendo as nossas nostalgias pessoais ao bem da vida eclesial - segundo as indicações do Concílio e do Papa: e hoje? Porque existem na Igreja vozes com o Papa contra os Bispos e com os Bispos contra o Papa, quando se trata de celebrar a eucaristia, lugar por excelência da comunhão eclesial? Diz-se que o caminho ecuménico é irreversível, mas depois vemos que muitos querem corrigir o seu entendimento feito a partir do Vaticano II. Papa e Bispos ensinaram-nos que o verdadeiro Ecumenismo não significava retorno à Igreja Católica, mas antes caminho para a Unidade que os católicos confessam ser um princípio, já presente na sua Igreja, mas que deve ser ainda completado, mais do que nunca, nas diversas formas e convergências. Teremos tido, talvez, Bispos e Papas como “maus professores”? E os “gestos”, eloquentes, cumpridos pelos últimos Papas foram imprudentes, fábulas para não levar a sério?

Tenho quase setenta anos, trabalhei toda a minha vida para a Unidade das Igrejas e para a comunhão na minha Igreja, mas hoje sinto e constato tantas contradições. Sim, estou cansado, também eu, destas guerras entre facções eclesiais combatidas em *blog's* por meio de jornalistas complacentes; estou cansado de acusações que mostram como não se quer nem escutar, nem conhecer a verdade, mas apenas fazer calar o outro. E pergunto-me, como muitos outros: para onde vai a Igreja? esta nossa Igreja que amámos tanto e que queremos continuar a amar, como membros leais, não adutores e que não procura nem privilégios, nem promoções...esta Igreja que amamos, mais do que a nós mesmos!

ENZO BIANCHI